

destaque



NÚMERO 6 / JUNHO 1985 / ESC. 100

Published according to Act of Parliament-P. April 10, 1752

Nº 6 / JUNHO 1985 / 100 ex.

DESTAQUE
Revista de Ivânia Gallo

CORRESPONDÊNCIA, ASSINATURAS E PUBLICIDADE
Destaque Publicações, Lda.
Célula 8, Bloco A, Lote 4-1.º Dt.º
Carnaxide 2795 Linda-a-Velha

Titulo e logotipo de Ivânia Gallo
© Copyright DESTAQUE-PUBLICAÇÕES, LDA
Todos os direitos reservados.
Proibida qualquer reprodução sem autorização do editor

BRASÃO

DA CIDADE

DE LISBOA

Lisboa, capital do nosso império, não apenas por determinação dos homens mas também por sua posição geográfica («ôra eu rei de Lisboa, em pouco o seria do mundo», dizia Carlos V), (*) rainha do Tejo, senhora de um dos melhores portos, teve, desde tempos distantes, o seu brasão de armas. Assim o demonstram os selos existentes no Arquivo Nacional e no Arquivo Distrital de Braga (†) respeitantes, respectivamente, aos anos de 1271 (1233) (‡) e 1293 (1255), e os escudos lapidares dos Chafarizes de Andaluz de 1374 (1336), e de Arroios de 1398 (1360).

Os motivos principais comuns em todos, constam de uma nau e dois corvos.

Origem de tão estranha figuração?

Duarte Nunes de Leão, o probo autor da «Descripção do Reino de Portugal» diz, em resumo, no capítulo *San Vicente Leuita martyr*, que os restos mortais de S. Vicente, martirizado em Valência por Daciano, foram abandonados no campo para que as aves os comessem. Sucedeu porém que um corvo, intrépido defensor dos referidos despojos, não consentiu que neles fosse praticado qualquer desacato.

Daciano, indignado, mandou que o corpo de S. Vicente fosse lançado ao mar, atado a uma grande mó. Não tardou que a água o arrojasse à praia!

Alguns cristãos tomaram então o corpo do glorioso e injuriado S. Vicente, e enterraram-no ocultamente numa pequena casa, e mais tarde em Valência.

Dominando Abderramen, príncipe mouro, continuador das perseguições de Daciano e destruidor de templos e de reliquias de Santos, uns homens pios resolveram apoderar-se dos restos de S. Vicente e, metendo-os numa barca, fizeram-se ao mar, sem rumo certo, para terras de cristãos. O corvo acompanhou-os sempre.



Do Livro de Posturas (1610)

Quis Deus que viessem a aportar ao Cabo de Sagres, (mais tarde denominado de S. Vicente) tendo ali construído uma pequena ermida onde enterraram o Santo, e pequenas casas onde eles e seus descendentes viveram muitos anos.

Um príncipe mouro que por ali veio a passar matou alguns deles e levou os outros cativeiros. Dois destes foram aprisionados por D. Afonso Henriques na batalha que travou com Ismar. Contaram eles a el-rei o caso de S. Vicente e acrescentaram que naquele lugar de Sagres se viram sempre muitos corvos como que a acompanharem o corpo que ali jazia. D. Afonso, feitas tréguas com o rei de Fez, foi em pessoa procurar o corpo do Santo. Resultou infrutífera a sua tarefa.

Passados 26 anos sobre a tomada de Lisboa, em 1176, alguns cristãos, vendo que já podiam ir com segurança ao Algarve, resolveram repetir a devoção de D. Afonso Henriques.

Chegados ao local encontraram, depois de muito cavar, os restos do Santo, e meteram-nos na barca onde

(*) Frei Nicolau de Oliveira, *Grandezas de Lisboa*, 1804, p. 141

(†) *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, 1920, vol. I, n.º 4.º

(‡) As datas entre parêntesis correspondem à era de Cristo.

se tinham transportado. O corvo, que jamais os abandonara, poisou na barca, veio também para Lisboa, onde todos chegaram a 25 de Setembro de 1176, e continuou a viver por muitos anos na Sé, junto dos despojos do Mártir S. Vicente.

Eis, sumariados, os factos que constituem os fundamentos do brasão de Lisboa.

Mas, neste como em tantos outros problemas da história, não têm faltado opiniões divergentes.

Houve quem afirmasse existir um emblema anterior à conquista de Olissabona pelos portugueses (1), provir a nau do tempo de Ulisses (2), e serem, os corvos, a representação do *corbus* romano, máquina de guerra do feitio das *cegonhas*, *picotas* ou *burras de tirar água* (3).

Divergências de menor importância surgiram também em relação à forma da nau, à posição e ao número dos corvos, mas, não obstante não ter sido encontrado, até ao presente, documento que ateste o reconhecimento ou a aprovação por parte dos reis ou do Governo da Cidade, até Março de 1897, de qualquer brasão, a verdade é que ele foi diversas vezes alterado e, o que é pior insistiu-se na alteração «não só numa época, mas em quase todas, tendo chegado até aos nossos dias» (4). □

(1) Freire de Oliveira, *Elementos*, 1882, 1.ª parte, p. 77, nota.

(2) P.ª Carvalho da Costa, *Corografia*, vol. III, 1712.

(3) *Catálogo do Museu de Artilharia*, 6.ª ed., p. 48 e «Naus de S. Vicente» *Terra Portuguesa*, n.º 8, 1.

(4) Freire de Oliveira, *Elementos para a História do Município*, pp. 79 e seg., 1.ª vol. 2.ª ed. e Quirino da Fonseca, *Memórias e Conferências*, pp. 5 e segs.



Rosto do Livro Primeiro do Tombo

do livro BRASÃO DA CIDADE DE LISBOA pelo Dr. Jaime Lopes Dias

destaque

DA ORIGEM DO NOME LISBOA

— Lava o celebradissimo Tejo, ou doura com as suas correntes as ribeyras & faz espelho aos montes, & torres de Lisboa aquella antiquissima Cidade que na prerogativa dos annos excede a todas as que os contaõ por seculos. Em seu nascimento foy fundada por *Elysa*, filho de Javan, & irmão de Tubal, ambos netos de Noé, donde começou a ser conhecida pelo nome de *Elysea*: & depois taõ amplificada por *Ulysses*, que não duvidou a Grega ambição de lhe dar, como obra propria, o nome de *Ulyssippo*. Tanto pelo fundador, como pelo amplificador lhe compete a Lisboa a precedencia de todas as Metropoles dos Imperios do mundo; porque em quanto *Elysea* he duzentos & vinte & dous annos mais antiga que Ninive cabeça do primeyro Imperio que foy o dos Assyrios, & em quanto *Ulyssippo* quatrocentos & vinte & cinco annos mais antiga que Roma, cabeça também do ultimo, em quanto o dominarão os Romanos. Ambas caminhando ao Occidente trouxeraõ das ruinas de Troya as pedras fundamentaes de sua grandeza: mas Romana descendencia de Eneas, ou vencido, ou fugitivo, & *Ulyssippo* na pessoa do mesmo *Ulysses* não só vencedor de Troya, mas o que a sujeitou a poder ser vencida com o despojo da imagem de Pallas, a cujo agradecimento edificou na mesma Lisboa o sumptuoso Templo, que hoje se vê mudado, ou convertido no insigne Convento de Chelas. O Ceo, a terra, o mar, todos concorrem naquelle admiravel sitio tanto para a grandeza universal do Imperio, como para a conveniencia também universal dos subditos, posto que tão diversos. O Ceo na benignidade dos ares os mais puros, & saudaveis; porque nenhum homem, de qualquer nação, ou cor que seja, estranhará a differença do clima, para os do polo mais frio com calor temperado, & para os da zona mais ardente com moderada frescura. A terra na fertilidade dos frutos, & na amenidade dos montes, & valles, em todas as estações do anno sempre floridos; por onde desde o nome de *Elysea* se chamàraõ *Elysios* os seus campos, dando occasião às fabulosas bemaaventuranças & paraíso dos Heroes famosos...

P.º Antonio Vieira, *op. cit.*, págs. 212-214.

— Une ancienne tradition nationale veut que cette ville ait été premièrement nommée *Elysea*, & qu'elle ait tiré ce nom de son fondateur *Elysa*, frere de Tubal, fils de Javan & petit-fils de Noe... Une autre tradition veut qu'*Ulysse*, après la destruction de Troie, vint dans ces quartiers; qu'il y jeta les premiers fondemens de *Lisbonne*, & que dès-lors elle fut appelée *Ulyssipone* ou *Ulyssipo*, ou même *Olyssipo*. Mais il se pourroit bien faire que la ressemblance des noms auroit occasionné cette opinion. En effet, outre qu'il seroit difficile de prouver qu'*Ulysse* soit jamais sorti de la mer Méditerranée, le véritable nom de cette ville n'étoit pas *Ulyssipo* ni *Olyssipo*, mais *Olisipo*, comme on le voit par l'inscription suivante, qui a été trouvée à *Lisbonne*:

IMP. CAES. M. JULIO.
PHILIPPO. FEL. AUG.
PONTIF. MAX.
TRIB. POT. II
PP. CONS. III
FEL. JUL. OLISIPO.

Cette inscription confirme de plus que *Lisbonne*, après avoir reçu une colonie Romaine, prit le nom de *Felicitas-Julia*.

L'incertitude & l'obscurité dans lesquelles nous laisse l'histoire sur l'origine de *Lisbonne*, font une preuve certaine de l'ancienneté de cette ville

M. Bruzen de la Martiniere, *op. cit.*

destaque

*«Ah, que não ha terra no mundo como Lisboa, a
conuersação da gente, a arte das molheres, a liberdade
da vida, nem creaes que se pode viuer em outra parte»*

1985